



Guia de educação socioambiental

Guia de educação socioambiental

© 2023. Projeto de extensão Horta Maria Angú – Convênio SUSTCOM

Organização e Coordenação Editorial: Luyanne Catarina L. de Azevedo

Colaboração: Eliane Santos, Ingrid Lessa Weber, Marina Mahfuz, Victor

Albuquerque, Walmyr Junior

Revisão: Ingrid Lessa Weber

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação: Sérgio R. P. de Sant'Anna, Milena

Barcessat Frydman e Luiza Albuquerque Garcia.



Agradecimentos

Agradecemos ao IEAHu/PUC-Rio pelo financiamento deste Manual, assim como a toda a gestão do Convênio SUSTCOM, que possibilitou a construção e execução deste programa de extensão universitária. Agradecemos ao Vicariato Para Caridade Social na pessoa do Monsenhor Pe. Manuel Manangão, à Vice-Reitoria Comunitária na pessoa do Professor Vice-Reitor Comunitário Augusto Sampaio, ao departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro na pessoa do Waldecir Gonzaga, à Pastoral Universitária Anchieta na pessoa do Prof. Pe. José Abel de Sousa, S.J. Agradecemos ainda à Andreia Paiva, ao Rodrigo Policeno, ao Walmyr Junior e à Tânia Maria, colaboradores do Convênio SUSTCOM, pelos serviços prestados à Extensão Universitária na PUC-Rio.

Agradecemos a toda a equipe pedagógica da Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha, em especial à Jussara, à Yara, à Andréia, à Ana Cristina, à Tatiana, ao Willian, à Rosaline, à Monique, ao Marco, à Lucimar, à Leda e à Izabely pela parceria e disponibilidade ao construir este guia coletivamente.

Agradecemos a todas e todos os voluntários e extensionistas da Horta Maria Angú.



Sumário

Prefácio	6
Apresentação	7
Segurança Alimentar	8 - 9
Resíduos Sólidos	14 - 15
Memória Ambiental	18 - 19
Racismo Ambiental	22 - 23
Justiça Climática	26 - 27
Referências	29
Sobre os autores	30 - 31



Favela da Kelson's

Rio de Janeiro

2022

Projeto Horta Comunitária Urbana Maria Angú

O Projeto Horta Maria Angú é resultado do esforço e do carinho de jovens universitários da PUC-Rio, que, sensibilizados com temáticas socioambientais, com o aumento da pobreza e da miséria, agigantadas ainda mais com a pandemia do novo coronavírus (covid-19), buscaram, a partir da Extensão Universitária, levar a Universidade para a Favela e trazer a Favela para a Universidade, realizando um trabalho de imersão e inserção na realidade da Favela Marcílio Dias, na Zona Norte do Rio de Janeiro, com um lindo projeto de horta comunitária denominado “Horta Comunitária Maria Angú”. Trata-se de uma horta urbana, orgânica, agroecológica e comunitária para o desenvolvimento da temática socioambiental no contexto da Favela. Para tanto, foi realizado um projeto, que contou com o apoio econômico do Instituto de Estudos Avançados em Humanidades da PUC-Rio (IEAHu/PUC-Rio), por nós submetido nos anos 2021 e 2022, seguindo os editais do Instituto. Este Guia de Educação Socioambiental é fruto deste processo e tem como objetivo ser um instrumento de auxílio na continuação do Projeto, dando mais vida ainda a futuras e promissoras iniciativas no campo de superação da fome e da miséria, especialmente de prática de extensão comunitária da Universidade frente aos desafios da realidade de pobreza nas Favelas de nossa grande Metrópole Carioca, a Cidade Maravilhosa, com um paradoxo: riqueza e pobreza, convivendo e disputando o mesmo espaço. Como você vai poder conferir, este guia conta com um didatismo ímpar e espetacular. Ele aborda os temas: segurança alimentar, resíduos sólidos, memorial ambiental da Kelson's, racismo ambiental, justiça climática. Em seguida, após tratar de cada tema, são oferecidas sugestões e dicas de atividades para a superação do problema. Além disso, no final, ele traz informações sobre referências bibliográficas e autores.

Prof. Dr. Waldecir Gonzaga

Diretor do departamento de Teologia da PUC-Rio

Apresentação

Este guia de Educação Socioambiental é fruto da articulação territorial entre a Horta Comunitária Maria Angú e a Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha. Segundo as normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a consciência e a sustentabilidade socioambiental são de relevância para implicância de uma educação ambiental e cidadã. Desta maneira, propomos um guia metodológico e informativo sobre temáticas que se relacionam com o que compreendemos como Educação Socioambiental: Memória Ambiental, Racismo Ambiental, Segurança Alimentar, Resíduos Sólidos e Justiça Climática. O guia também contém propostas de atividades lúdicas construídas em parceria com os respectivos profissionais atuantes na Gonzaguinha: a direção da Escola, professoras, manipuladoras de alimentos e agentes ambientais da Comlurb. Compreendemos o ambiente escolar como um importante espaço na garantia da segurança alimentar das crianças, e as hortas urbanas comunitárias como referência de estratégia no combate à insegurança alimentar. Em decorrência do Programa de Extensão Universitária e Ação Comunitária intitulado SUSTCOM (Sustentabilidade Humana, Social e Ambiental das Comunidades), composto pelo Vicariato Episcopal para a Caridade Social da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e por quatro setores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio): a Vice-Reitoria Comunitária, o departamento de Teologia, e a Pastoral Universitária Anchieta, construímos uma horta experimental no espaço escolar com financiamento da PUC-Rio, através do edital do Instituto de Estudos Avançados em Humanidades da PUC-Rio (IEAHu/PUC-Rio), sendo este mais um espaço de aprendizagens do eu, do outro e do entendimento de que nós também somos a natureza. A horta também possibilita a vivência das crianças com os espaços verdes, tão escassos dentro da Favela da Kelson's / Marcílio Dias e de tantas outras comunidades e espaços periféricos. É possível aprender, brincar e se apropriar do verde e do processo de alimentação, do plantio à colheita, ao preparo do alimento até o momento da refeição. Alimentados pelo espírito do Pacto Educativo Global, nosso objetivo é colocar a pessoa no centro de cada processo educativo. Acreditamos que, através da horta, essa nossa grande escola, podemos manifestar a força do coletivo, da cooperação, da solidariedade e da fraternidade, entendendo também que somos sujeitas e sujeitos ativos, cidadãos, buscando cada vez mais nossa autonomia através da educação socioambiental.

Boa Leitura!

Extensionistas da Horta Comunitária Maria Angú

Segurança Alimentar

Alimentação saudável e de qualidade é um direito de todas as pessoas. O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Cabe ao Estado garantir e prover o acesso à alimentação com qualidade nutricional e em quantidade adequada para uma vida saudável.

No Brasil, temos a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Lei nº 11.346 de 15 de setembro de 2006). Este direito também é garantido por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). A Alimentação Escolar é um direito garantido em Constituição e, então, pode-se dizer que a escola é um espaço que assegura a alimentação de crianças e jovens.

VOCÊ SABIA?

Fome Zero e Agricultura Sustentável faz parte dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil, para os quais as Nações Unidas estão contribuindo a fim de que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil.



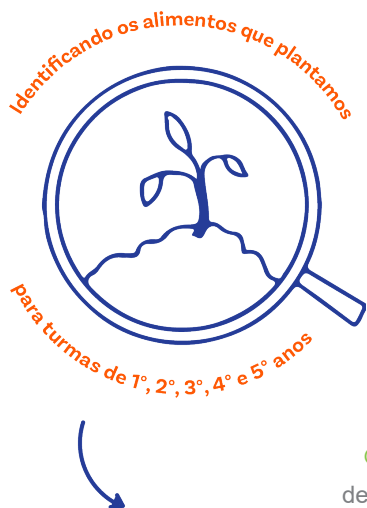
Os saberes e sabores, as práticas alimentares de cada local, fazem parte da segurança alimentar, levando-se em conta o respeito às diversidades cultural, ambiental, econômica e social sustentáveis. O valor nutricional e a garantia de uma alimentação saudável são de fundamental importância, mas a segurança alimentar deve ir além destes aspectos, evitando uma discussão reducionista do conceito, que também ocorre quando se reduz o direito à alimentação a algo que tem como função apenas livrar as pessoas da fome.

VOCÊ SABIA?

Você sabia? Nutricídio é um conceito criado pelo Dr. Laila Afrika, e aborda o genocídio da população negra através da fome ou da insegurança alimentar.



sugestão de atividades



Materiais necessários: Pallets, caneta.

Objetivo: auxiliar no processo de alfabetização, trazendo as palavras para o concreto, aquilo que está no cotidiano e na leitura do mundo das crianças, como ensina Paulo Freire, a leitura da “Palavra-mundo” (FREIRE, 1989).

Organização prévia: preparação das estacas de madeira proveniente dos pallets.

Descrição da atividade:

1. Identificar com as crianças quais são os alimentos que estão plantados na horta, de maneira sensorial, usando o tato, o olfato, o paladar. É possível fazer uma brincadeira colocando vendas nos olhos das crianças, para aguçar os sentidos além da visão.
2. Após as descobertas, escrever o nome dos alimentos que estão plantados na horta, auxiliando na identificação dos alimentos e auxiliando no processo de alfabetização.

22 de Março

Dia Mundial da Água

22 de Abril

Dia da Árvore

Materiais necessários: Mudas diversas de hortaliças, temperos, verduras. Papel, caneta.

Objetivo: Reconhecer o tempo de maturação de cada alimento; observar a nossa relação social e afetiva com os alimentos; perceber que cada alimento precisa de quantidades diferentes de luz solar, nutrientes, água.

Organização prévia: Preparo das mudas e dos croquis dos canteiros.

Descrição da atividade:

1. Em um primeiro momento, organizar as mudas e croquis dos canteiros.
2. Levar as crianças para organizar o plantio,
3. Após o plantio, realizar o manejo da horta com a rega, adubação, renovação da matéria seca, debatendo também a importância de cada uma destas etapas do processo para o crescimento saudável das plantas. Neste movimento, observar o tempo de crescimento de cada alimento, trazendo reflexões sobre os diferentes tempos das coisas e das pessoas, podendo abranger o debate para vivências concretas e subjetivas das crianças, como o tempo de maturação de sentimentos desafiadores (raiva, tristeza, mágoa, etc.) e o tempo de resolução de conflitos que acontecem dentro do espaço escolar.
4. Realizar as colheitas, compreendendo o tempo de crescimento de cada alimento.
5. Agora é hora de higienizar os alimentos! Nesse passo, é possível realizar amplas discussões relacionadas à saúde e sobre a importância de higienização dos alimentos e das nossas mãos ao preparar a comida e ao se alimentar
6. Ao longo do preparo dos alimentos, podemos também discutir sobre os cheiros, aguçando o olfato e trazendo a atenção para as habilidades sensoriais do nosso corpo, como os barulhos que cada alimento faz durante o preparo!
7. Agora é hora de degustar! Podem ser realizados diferentes debates sobre todos os sabores que existem, explorando as habilidades sensoriais do nosso paladar e dos cinco sentidos. Afinal, utilizamos todos eles durante todo o movimento de preparo de um alimento!





Materiais necessários: Lápis de cor, caneta, papel.

Objetivo: estreitar os laços escola-comunidade, bem como aproximar as famílias da escola por meio do que Conceição

Evaristo (2017) conceitua como Escrivência: a escrita que nasce do cotidiano, da vivência; observar os hábitos alimentares das crianças e familiares; auxiliar o processo de alfabetização e matemático por meio da escrita das receitas e das proporções de alimentos que são utilizadas para a elaboração das mesmas; resgatar o pertencimento.

Organização prévia: pedir para as crianças resgatarem, junto à família, receitas de ancestrais e familiares. A atividade também pode ser feita na escola, pedindo para as crianças entrevistarem as professoras, diretoras, manipuladoras de alimento e agentes ambientais da Comlurb.

Descrição da atividade:

1. Após as entrevistas com familiares ou agentes da escola, reunir as receitas a fim de organizar e produzir um caderno artesanal de receitas com as crianças, com muitos desenhos e criatividade!
2. Realizar um debate com as crianças sobre o que elas gostam de comer, buscando dialogar sobre alimentação saudável e explorando os hábitos alimentares que surgirem ao longo da construção do caderno e do debate.

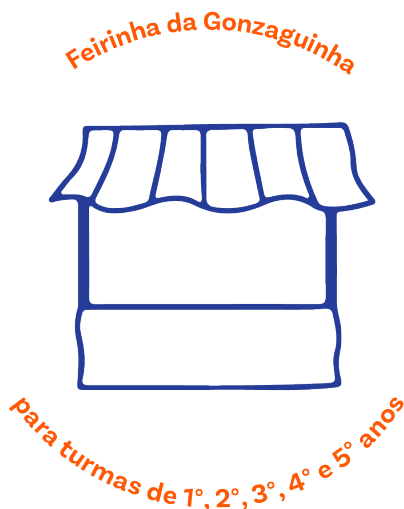
Materiais necessários: Mesas, cadeiras, os alimentos colhidos na horta, balança pequena.

Objetivo: Reconhecer a importância das feiras, tanto para a nossa alimentação quanto para as nossas vivências e relações sociais cotidianas.

Organização prévia: Organização das barraquinhas da feira.

Descrição da atividade:

1. Levar as crianças para o ambiente da feira, para que elas possam brincar e se divertir.
2. Mostrar a possibilidade de escolha dos alimentos, por meio das trocas realizadas nas barraquinhas da feira.
3. Esta atividade pode abrir diversos debates, como as propriedades e usos dos alimentos. As crianças podem confeccionar pequenos escritos sobre cada alimento, com as propriedades medicinais e nutricionais dos alimentos que estarão expostos nas barraquinhas, auxiliando no processo de alfabetização.
4. Se possível, pode ser realizada a pesagem dos alimentos com uma balança, trabalhando a matemática de maneira lúdica e cotidiana.
5. Outros debates que podem ser organizados após a realização da atividade:
 - Debates sobre hábitos alimentares, com perguntas como: você gosta de quais alimentos? O que você acha que tem neles? Vocês conhecem os alimentos processados e ultraprocessados?
 - Também é possível debater sobre o consumo de açúcar das frutas e dos açúcares contidos nesses alimentos por meio dos rótulos.
 - Possibilidade de introduzir, de maneira superficial, o debate sobre a existência de agrotóxico nas nossas comidas, dialogando com outras formas de cuidar da plantação sem o uso de veneno, usando a horta escolar como exemplo.



Resíduos Sólidos

Resíduos são as partes que sobram de processos derivados das atividades humanas e animais e de processos produtivos, como a matéria orgânica, o lixo doméstico, os efluentes industriais e os gases liberados em processos industriais ou por motores. Esse material pode estar nos estados sólido, semi-sólido, gasoso ou líquido. Para tentar regular a forma como lidamos com os resíduos sólidos no Brasil, temos a Lei nº 12.305.10, referente à Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS).

Se o descarte dos resíduos não é realizado de maneira correta, pode gerar problemas ambientais, como a poluição. Não é incomum vermos lixo nas ruas, na Baía de Guanabara, nos rios canalizados (valões). Também não é incomum vermos o descarte incorreto de resíduos de fábricas gerando poluentes nos nossos solos e corpos hídi-



cos. Não é à toa que algumas fábricas, que geram resíduos tóxicos, são instaladas em áreas periféricas das cidades. O curtume é um exemplo de indústria que gera resíduos sólidos, líquidos e gasosos poluentes. Será que tudo isso contamina os solos e os rios da favela?

Por outro lado, também temos o importante trabalho dos catadores de material reciclável que atuam na Kelson's e que ajudam a mitigar o impacto do lixo na natureza, já que infelizmente a coleta regular e seletiva ainda não é realidade na favela.

Você conhece o livro "O monstro que comia lixo", de Tatiana Souza?

sugestão de atividades

O que eu vejo no caminho de casa até a escola?



Para turmas de 1°, 2°, 3°, 4° e 5° anos

Materiais necessários: Folhas, lápis de cor, canetas.

Objetivo: Reconhecer, a partir da paisagem e da escala do mundo vivido, o reconhecimento de suas práticas cidadãs.

Descrição da atividade:

1. Pedir para as crianças desenharem um mapa com o que observam no caminho de casa até a escola.
2. Em um segundo momento, pedir para que elas descrevam o que observam, prestando atenção na paisagem: como são os sons, cheiros e cores? Será que há lixo, esgoto?
3. Após o debate sobre o que as crianças observam, pergunte se elas acrescentariam estas observações no mapa.
4. Em um quarto momento, os seguintes questionamentos podem surgir no debate: o que pode melhorar nessa paisagem? O que elas fariam para ajudar a melhorar?

17 de Maio

Dia Mundial da Reciclagem

05 de Junho

Dia Mundial do

Meio Ambiente



Varanda Orgânica
Inspiração para a
Atividade

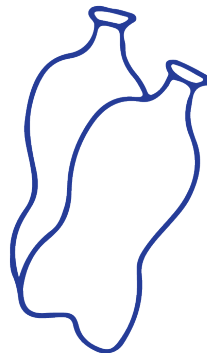
Materiais necessários: Garrafas pet, embalagens plásticas, tecidos e outros tipos de materiais que possam ser utilizados para a confecção de fantoches.

Objetivo: Reconhecer a importância da reciclagem, contribuindo para a preservação do meio ambiente.

Organização prévia: Apresentar em aula materiais que possam vir a ser utilizados na confecção de fantoches. Pedir para as crianças levarem garrafas pet, embalagens plásticas, retalhos e outros tipos de materiais para confecção dos fantoches e bonecos.

Descrição da atividade: O Laboratório de Sucata é um projeto que já é realizado na Escola Gonzaguinha. Além da valorização dos materiais de sucata e de atividades de educação ambiental, o teatro de fantoche contribui na formação e no desenvolvimento das crianças, despertando a criatividade e ampliando a imaginação, a concentração e o incentivo para a cooperação do trabalho em grupo.

Confecção do Teatro de Fantochoes



para turmas de 1º, 2º e 3º anos



1. Confecção de fantoches e personagens produzidos pelas próprias crianças, com material reciclável. Os fantoches podem ser utilizados tanto para brincadeiras, quanto para o Teatro de Fantochoes da atividade 2 de Racismo Ambiental.

É possível ampliar o debate para o consumo, o que é lixo e os 5 R da sustentabilidade:
Repensar, Reduzir, Reaproveitar, Reciclar, Recusar.

2. Debater sobre a importância de reciclar os resíduos, indicando que há a possibilidade dos resíduos orgânicos serem reaproveitados através da compostagem.

Memorial Ambiental da Kelson's

Entende-se por memória ambiental a compreensão das formas pelas quais uma comunidade ou experiência de vida em determinado território, nos fios do tempo da história, destaca os saberes e fazeres por meio dos quais os sujeitos interagem com o seu ambiente. Além disso, é perceptível nessa afirmação a análise e a forma como um determinado ecossistema reage a eles.

Para falar da nossa relação com a memória ambiental da Favela da Kelson's / Marcílio Dias, assim como com a de todo o complexo da Maré, é preciso identificar fatores climáticos que configuram a nossa atual paisagem. Basta lembrar que (re)existimos em meio a inúmeros impactos e crimes ambientais:

Morros foram derrubados, mangues foram aterrados, rios canalizados e grandes extensões de aterros passaram a invadir o mar, alterando significativamente a topografia, o ecossistema e o acesso da população ao litoral suburbano dos bairros da Penha, Olaria, Ramos e Bonsucesso ao mar da Baía de Guanabara. (SILVA JUNIOR, 2016, p. 8)

A história da Comunidade da Kelson's / Marcílio Dias se dá pela relação direta com o mar: nasce em uma comunidade pesqueira de palafitas, que vivia integralmente da pesca, conhecida como Praia da Moreninha. Foi se adaptando a outras realida-

des profissionais e econômicas durante o apogeu da industrialização da cidade do Rio de Janeiro na metade do século passado. Outro fator que impacta na identidade comunitária é o fluxo migratório do Nordeste para a cidade do Rio de Janeiro, que também é característica do perfil dos moradores da comunidade.

Pode-se dizer que as favelas são parte do cenário fluminense e carioca que se caracteriza, desde as suas formações, por seus respectivos moradores: uma população



frequentemente associadas à questão da pobreza e da violência, e muitas vezes não há nenhuma abordagem sobre suas definições e as respectivas histórias em torno das suas construções.

O abandono histórico das favelas é parte da memória ambiental da cidade. Atrelado ao não investimento de políticas públicas, temos no cotidiano do favelado o risco iminente das remoções. Contrariando essa lógica, resgatamos um dos elementos mais marcantes da história da Favela Kelson's: a visita da Nobel da Paz, Santa Madre Teresa de Calcutá. Sua visita na comunidade se deu na articulação da Pastoral de Favelas da Arquidiocese do Rio de Janeiro, que, junto à opinião pública, se solidarizou ao risco iminente de remoção da comunidade. Em 26 de setembro de 1982, Madre Teresa visitou as palafitas da Praia da Moreninha e iniciou um serviço missionário que serviu de argumentação política contrária à remoção. Afinal de contas, quem vai remover a favela que Madre Teresa visitou?

Por fim, é de grande relevância destacar o papel da coletividade desta comunidade. Em 1984, foi criado o Projeto João de Barro, braço do Projeto RIO - PROMORAR. Era um programa habitacional de construções de casas populares através de mutirões entre os moradores, em decorrência da construção de casas de alvenaria a partir do aterramento do mangue e da orla da Baía de Guanabara.

Porém, essa trajetória biográfica não pode invisibilizar os impactos ambientais que a comunidade sofreu e sofre até hoje. A ausência de um sistema de coleta de esgoto eficiente ainda permite que moradores vivam em meio a focos de doenças em alguns pontos da favela. Lembremos também que, em função da poluição da Baía de Guanabara, a renda pesqueira da comunidade entrou em declínio, levando muitos pescadores a terem que mudar de profissão.

No caso em questão, a relação dos moradores com a antiga fábrica de couro Kelson's, a relação profissional com o Mercado São Sebastião e o cotidiano com a Marinha do Brasil, ao lado da comunidade, permite que se crie o lugar de memória do território. Resgatar pontos da história e memória ambiental da favela e fazer pontes com eles são fundamentais para o desenvolvimento de uma relação afetiva com os educandos e sua comunidade, favorecendo, assim, caminhos e possibilidades de defesa e proteção do meio ambiente, lugar de todos nós.

sugestão de atividades

PRODUÇÃO DE REVISTA "MEMÓRIA DA KELSON'S"



para turmas do 4º e 5º anos



Materiais necessários: Papel, caneta ou celular.

Objetivo: Conhecer um pouco mais da Memória Ambiental da Kelson's por meio dos laços ancestrais e familiares, refletindo sobre o que mudou - ou não - na favela do passado até hoje.

Organização prévia: Pedir para as crianças realizarem entrevista com os familiares que moravam na Kelson's, com as seguintes perguntas: quem foi a primeira pessoa da família que veio morar aqui? O que mudou na paisagem da Kelson's de lá pra cá? Como eram as árvores e a Baía de Guanabara antigamente?

Descrição da atividade:

1. Após a realização prévia das entrevistas, construir revistas junto da turma, contendo partes das entrevistas, além de outras produções como poemas, fotografias antigas do local, mapas produzidos pelas próprias crianças e familiares, buscando integrar diferentes linguagens.
2. No lançamento da revista, realizar um debate aberto à comunidade com as seguintes perguntas: o que as crianças observam no caminho até a escola? Tem muito lixo? O que podemos melhorar no caminho de casa até a escola? Como podemos preservar a natureza?
3. Outras perguntas podem surgir na entrevista ou ao longo do debate, aqui a criatividade é livre!



para turmas do 4º e 5º anos



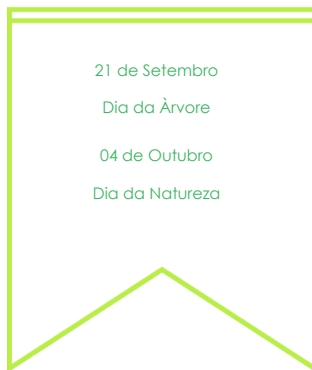
Materiais necessários: Celular, para gravação de vídeos e registro de fotos.

Objetivo: Organizar uma exposição de mídia visual com o objetivo de resgatar a memória e o pertencimento do local por parte das crianças, possibilitando a criação de um Museu virtual, podendo ser replicado em algum espaço físico da escola, por meio da exposição das fotografias e vídeos.

Organização prévia: Pedir para as crianças realizarem fotos junto às suas famílias e amigos em locais da Kelson's que sejam significativos para elas. Verificar se há a possibilidade de realizar um passeio em locais históricos da favela para realização de vídeos e convidar antigos moradores para participar do passeio.

Descrição da atividade:

1. Em um segundo momento, confeccionar com as crianças uma exposição aberta à comunidade escolar, com fotografias atuais, tiradas pelas crianças, e fotografias antigas da favela.
2. Ao longo da exposição, pode ser realizado um debate sobre o que mudou de lá pra cá, aguçando a curiosidade de observação do espaço vivido.
3. Checar a possibilidade de convidar a imprensa local (por exemplo: Maré Notícias, Maré Vive) ou a Redes Maré para estar presente na atividade.



Racismo Ambiental

O conceito foi criado em 1982 por Benjamin Chavis nos Estados Unidos. Está relacionado à discriminação racial nas políticas ambientais e nas práticas sociais e governamentais que, em busca de “desenvolvimento”, acabam por degradar o ambiente e as comunidades onde vivem pessoas negras, indígenas, quilombolas, camponesas e ribeirinhas. Um exemplo de racismo ambiental é a instalação do descarte de resíduos tóxicos, venenosos e poluentes nas áreas onde vivem estas comunidades.

A existência de poucas árvores e áreas verdes, a ocorrência de enchentes nas épocas de chuvas, bem como a instalação de lixões e pedreiras também são comuns nestas áreas, tornando esses locais zonas de sacrifício. Será que a Kelson's pode ser considerada uma zona de sacrifício? Afinal, os resíduos das fábricas de couro e de plástico existentes na favela geram grande poluição.



O racismo ambiental também está presente na falta de investimentos - principalmente em áreas periféricas e de favela - em direitos e serviços fundamentais, como o abastecimento de água, o esgotamento sanitário, a coleta de lixo e até mesmo o acesso aos alimentos e à uma alimentação saudável.

29 de Novembro
Dia do Rio

10 de Dezembro
Dia Universal dos
Direitos Humanos

sugestão de atividades

Materiais necessários: Fantoches que serão confeccionados na atividade 1 de Resíduos Sólidos.

Objetivo: Abordar, por meio da memória ambiental da Kelson's, a conexão com o conceito de racismo ambiental. As histórias podem relembrar a poluição da Baía de Guanabara, a instalação do antigo lixão na localidade conhecida como B13, os impactos socioambientais e poluentes da fábrica de couro e de plástico na favela. Questionar se as crianças vêem o Canal da Penha, na Avenida Brasil, como um rio e não apenas como um valão.

Organização prévia: confecção dos fantoches com as turmas de 1º a 3º ano. Criação da história com as crianças, relacionando o racismo ambiental com a história da Kelson's.

Descrição da Atividade: Após a organização prévia, as crianças dos 4º e 5º anos poderão apresentar o teatro para a comunidade escolar. Para envolvimento do máximo número de crianças, orientar para que os mesmos preparem o ambiente da apresentação e recepcionem as turmas de 1º, 2º e 3º anos.





Materiais necessários: Papel, lápis de cor, tinta guache, fotografias - ou qualquer outro material que possa ser utilizado para a confecção de histórias.

Objetivo: Criar a história junto com as crianças, auxiliando no processo de alfabetização por meio de diferentes linguagens.

Descrição da atividade:

Criar histórias que relacionam a memória ambiental da Kelson's com o Racismo Ambiental. Sugestão de temáticas e questionamentos para serem abordados nas histórias:

1. A história da Kelson's e sua relação com a fábrica de couro e plástico.
2. A história do Porto de Maria Angú, das casas de palafita e de como a favela foi crescendo com o aterramento da Baía.
3. Qual o bioma que existia antes de tudo isso?
A Kelson's já foi área de manguezal e Mata Atlântica!
4. Como será o esgotamento sanitário e a coleta de lixo na favela?
Será que isso impacta no nosso dia a dia ?

Justiça Climática

Aumento da temperatura da Terra, extinção de espécies, gases que intensificam o efeito estufa, degelo de calotas polares e elevação do nível do mar. Na maior parte das vezes, é isso que vem à mente quando falamos sobre a crise climática.

Essa crise tem nos colocado de frente com a possibilidade da extinção da espécie humana na Terra, ainda que isso pareça uma realidade distante. Se quisermos superar essa visão de futuro, é necessária uma grande mudança de hábitos, uma empreitada global a favor da paralisação das emissões de gases do efeito estufa, da promoção de novas matrizes energéticas renováveis e da proteção das florestas remanescentes ao redor do planeta.

Por si só, essa realidade já é assustadora e complexa e ainda faltam muitos pontos a serem considerados nessa equação.

Falar sobre a crise do clima é falar principalmente de vida, uma vida com qualidade, que para se desenvolver neste planeta precisa de recursos essenciais e indispensáveis. Água limpa, ar com oxigênio em abundância, temperaturas amenas, uma terra fértil, alimentos com nutrientes e sem contaminantes são alguns desses fatores que permitem que a espécie humana esteja há aproximadamente 200 mil anos na Terra. Contudo, não precisa ir longe para ver que atualmente muita gente não conta com as condições básicas para a garantia de uma vida de qualidade, e isso tem tudo a ver com o debate da justiça climática.

Os territórios periféricos e favelados de grandes centros urbanos, por exemplo, são marcados por desigualdades, de raça e etnia, de renda e acesso às políticas públicas. Alguns deles, como fruto da lógica do racismo ambiental, foram eleitos “zonas de sacrifício”, abrigando lixões, recebendo os dejetos das cidades e indústrias poluentes. Assim, a qualidade de vida vai diminuindo, rios se tornam valões, áreas verdes comunitárias se tornam áreas privadas, a disponibilidade de água limpa diminui e a insuficiente incidência do poder público mostra suas marcas nas necessidades básicas não atendidas.

Agora, o que isso tem a ver com justiça climática?

Sabemos que, todos nós, habi-



tantes desse planeta, sofreremos as consequências da crise que está por vir se não promovermos grandes transformações. No entanto, as desigualdades históricas marcam também os que mais sofrerão e já estão sofrendo com os efeitos das mudanças do clima. Calcula-se que a população mais afetada pelos efeitos da crise do clima é a parcela pobre, feminina, preta e periférica do sul global, as mesmas pessoas que atualmente dispõem de menos recursos para manutenção de uma vida digna. Chuvas fortes que provocam deslizamentos e enchentes, ilhas de calor que aumentam as taxas de mortalidade e doenças, além de secas que geram desabastecimentos e dificuldade de acesso aos alimentos são algumas das consequências sentidas.

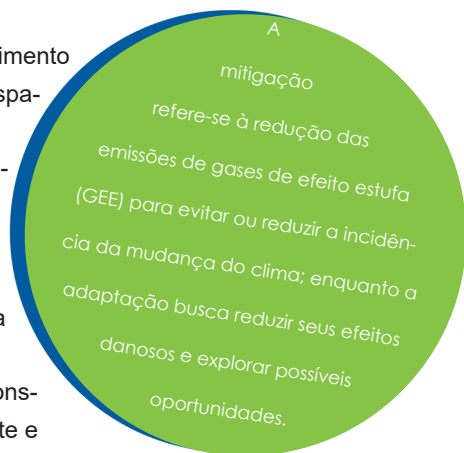
Por outro lado, se abrirmos o livro do passado humano, notamos que os responsáveis pela maior parte da devastação ambiental e emissão de gases que influenciam o aumento da temperatura da Terra são os países do Norte do mundo. Esses países, que hoje acumulam grande parte das riquezas financeiras globais, ocupam a maioria absoluta das cadeiras nas reuniões que decidem o futuro da sociedade frente a essa crise.

Diante desse quadro, fica evidente que os países mais responsáveis pela crise do clima que vivemos hoje são os que menos sentem seus efeitos e mais têm recursos para enfrentá-la. Por isso, falar de justiça climática é falar de um reconhecimento dessas múltiplas desigualdades e a necessidade de um ajuste nessa balança global se quisermos enfrentar essa crise com mais equidade.

Assim, é necessário garantir estratégias de adaptação e redução dos danos para esses territórios e indivíduos mais vulneráveis frente aos seus efeitos.

Para tal, é imperativo que os países mais responsáveis pela crise atual garantam investimento e a voz de indivíduos mais vulneráveis em espaços de tomada de decisão.

Nesse cenário, a educação é um grande pilar da luta popular pela justiça climática. Assim, a garantia da autonomia e entendimento da urgência desses temas pelos jovens que mais são e continuarão sendo afetados pela crise do clima junto às estratégias amplas de reparação das injustiças apontam para a construção de um mundo mais igualitário, resiliente e biodiverso no futuro.



sugestão de atividades

A Redes da Maré lançou em 2020 a [#CampanhaClimão](#), para discutir temáticas como as Mudanças Climáticas e como isso afeta a vida de moradores da Maré. O Livreto Campanha Climão traz uma série de atividades lúdicas e tirinhas discutindo o assunto, que podem ser usadas durante as aulas que discutam a temática.



Livreto Campanha Climão



Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2018.
- BRASIL, Instrução Normativa Nº 13, de 18 de dezembro de 2012. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 2012. Seção 1, p. 200.
- CAMPOS SSC, CAMPOS RS. Soberania Alimentar como alternativa ao agronegócio no Brasil. *Scripta Nova*. Revista Electrónica de Geografía e Ciencias Sociales. Universidad Barcelona. Vol. XI, n. 245 (68), 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24568.htm>>
- CUTTER, Susan. Race, class and environmental justice. *Progress in Human Geography*, 19,1, p. 111-112, 1995.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FARIAS, Silvia. *Do nutricionismo à comida de verdade: o papel da escola para promoção de alimentação saudável e adequada*. Elefante Editora, 2022.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Caderno de atividades: Promoção da Alimentação Adequada e Saudável*: Ministério da Saúde, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- SILVA JUNIOR, Walmyr Gonçalves da. *Saindo das Palafitas: Uma análise histórica do processo de urbanização da Favela Marcílio Dias do Complexo da Maré*. 2016. 47 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.
- PIRES, Thula; GUIMARÃES, Virginia. *Injustiça ambiental, racismo ambiental e a marca da estratificação sócio-racial nas zonas de sacrifício: o caso do bairro de Santa Cruz na cidade do Rio de Janeiro*. 2016. <https://www.law.yale.edu/sites/default/files/area/center/kamel/sela16_pires_cv_port.pdf>
- REDES DA MARÉ. *Campanha climão: precisamos falar sobre as mudanças climáticas nas favelas*. Rio de Janeiro, 2021.
- SOUZA, Tatiana. *O monstro que comia lixo*. Braga: Editora Ases de Literatura, 2022.

Sobre os autores

Eliane Santos

elianedsivsnts@gmail.com

Estagiária de projetos da Pastoral Universitária Anchieta da PUC Rio, Graduanda em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Integrante da Horta Comunitária Maria Angú, na Comunidade da Kelson's, além de ser extensionista do projeto.

Ingrid Weber

ingridlessaw@gmail.com

Engenheira Ambiental pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com especialização em Sociologia Política e Cultura pela PUC-Rio e especialização em Engenharia Sanitária e Ambiental pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Co-fundadora do Coletivo Socioambiental da PUC-Rio. Integrante da Horta Comunitária Maria Angú. Pesquisa de desigualdade socioambiental e justiça ambiental, principalmente em relação a saneamento básico, alimentação e neoextrativismo.

Luyanne Azevedo

luyanne.azevedo@gmail.com

Professora de Geografia no Município do Rio de Janeiro. Licenciada e bacharel em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Pesquisadora na área de planejamento urbano e territorial, com enfoque em hortas urbanas comunitárias. Integrante da Horta Comunitária Maria Angú.

Marina Mahfuz

marina.mahfuz@gmail.com

Coordenadora de projetos do Instituto Nós em Movimento e articuladora do Instituto Perifa Sustentável. Co-fundadora do Núcleo de pesquisa e extensão NORTE de Inovação Social, abarcado na Escola de Negócios da PUC-Rio e componente do núcleo de pesquisa e extensão NORTE (Núcleo de Organizações, Relações de Trabalho e Empregabilidade). Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e especializada em avaliação de impacto socioambiental pela mesma universidade (PUC-Rio). Integrante da Horta Comunitária Maria Angú.

Victor Albuquerque

victor_pires_12@hotmail.com

Formado em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente dá aula de biologia no pré-vestibular comunitário Seja Mais da PUC-Rio e faz um curso técnico de meio ambiente do Senac. Integrante da Horta Comunitária Maria Angú, na Comunidade da Kelson's, além de ser extensionista do projeto.

Walmyr Junior

walmyrjunior@puc-rio.br

Analista de projetos da Pastoral Universitária Anchieta da PUC-Rio, Licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), especializado em Juventudes no Mundo Contemporâneo pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e mestrando em Ciências da Sustentabilidade pela PUC-Rio. Coordenador Estadual do Movimento Negro Unificado - MNU e integrante da Horta Comunitária Maria Angu. Autor do Livro Porta Vozes da Resistência - Narrativas de três favelados.

